

A recepção focolarina dos documentos do CELAM: anotações de uma pesquisa documental e bibliográfica

Cleiton Costa de Santana*
Márcio Luiz Fernandes**

Resumo

O presente artigo, resultado de pesquisa bibliográfica e documental, prescrua um dos segmentos do catolicismo presente no Brasil a fim de evidenciar como nasceu a proposta da Economia de Comunhão. Nossa pesquisa lança luz sobre aspectos desconhecidos da história recente da Igreja no Brasil: a percepção de um movimento eclesial quanto à atuação do episcopado no período da ditadura militar; a autocompreensão do Movimento dos Focolares frente às críticas dirigidas pelo episcopado aos Novos Movimentos Eclesiais; a posição das lideranças dos Focolares no Brasil quanto à atuação política do episcopado durante a ditadura; o processo de recepção das indicações do magistério latino-americano, por parte do Movimento dos Focolares, no qual a “opção preferencial pelos pobres” não significou a incorporação das práticas e da linguagem então hegemônicas no contexto eclesial brasileiro.

Palavras-chave: Economia de Comunhão; Movimento dos Focolares; catolicismo; novos movimentos eclesiais.

The Focolare’s reception of CELAM documents: notes from a documentary and bibliographic research.

Abstract

This paper, the result of bibliographical and documentary research, examines one of the segments of Catholicism present in Brazil in order to show how the proposal of

* Cleiton Costa de Santana, graduado em Ciências Sociais pela Universidade de Brasília, Mestre e doutorando em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná. cleitonssantana@yahoo.com.br; <http://lattes.cnpq.br/9618102219587047> - <https://orcid.org/0000-0003-1575-3606> .

** Márcio Luiz Fernandes é professor adjunto no Programa de Pós-Graduação em Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Paraná e da Faculdade Claretiana Studium Theologicum. Doutor em psicologia pela Universidade de São Paulo e mestre em Teologia Fundamental pela Pontifícia Universidade Lateranense. marciovisconde@yahoo.com.br; <http://lattes.cnpq.br/3227207808620072>. <https://orcid.org/0000-0002-0944-1676> .

the Economy of Communion was born. Our research sheds light on unknown aspects of the recent history of the Church in Brazil: the perception of an ecclesial movement regarding the role of the episcopate during dictatorial period; the self-understanding of the Focolare Movement in the face of the criticism directed by the episcopate to the New Ecclesial Movements; the position of the Focolare leaders in Brazil regarding the political role of the episcopate during the dictatorship; the process of receiving the indications of the Latin American magisterium, by the Focolare Movement, in which the “preferential option for the poor” did not mean the incorporation of the practices and language that were hegemonic in the Brazilian ecclesial context.

Keywords: Economy of Communion; Focolare Movement; Catholicism; Ecclesial Movements and New Communities;

La recepción de los Focolares de los documentos del CELAM: notas de una investigación documental y bibliográfica.

Resumen

Este artículo, resultado de una investigación bibliográfica y documental, examina uno de los segmentos del catolicismo brasileño para mostrar cómo nació la propuesta de la Economía de Comunión. Nuestra investigación ilumina aspectos desconocidos de la historia reciente de la Iglesia en Brasil: la percepción de un movimiento eclesial sobre la actuación del episcopado durante la dictadura militar; la autocomprensión del Movimiento de los Focolares frente a las críticas dirigidas por el episcopado a los Nuevos Movimientos Eclesiales; la posición de los líderes de los Focolares en Brasil sobre el papel político del episcopado en el período dictatorial; el proceso de recepción de las indicaciones del magisterio latinoamericano, por parte del Movimiento de los Focolares, en el que la “opción preferencial por los pobres” no significó la incorporación de prácticas y lenguajes hegemónicos en el contexto eclesial brasileño.

Palavras claves: Economía de Comunión; Movimiento de los Focolares; Catolicismo; nuevos movimientos eclesiales.

1. Introdução

A história das mudanças e adaptações do catolicismo frente ao fenômeno da secularização, da fragmentação e recomposição dessa forma religiosa descreve predominantemente o surgimento e declínio da Teologia da Libertação e das Comunidades Eclesiais de Base, a ascensão da Renovação Carismática Católica e a disseminação das Novas Comunidades Católicas. No entanto, há uma história desconhecida da Igreja no Brasil, que é a história das comunidades e movimentos não-hegemônicos, dos grupos de leigos pouco conhecidos pela teologia acadêmica e pela teologia católica oficial.

As mudanças no campo religioso são mais complexas e nuançadas do que a explicação da parábola da ascensão ou declínio de grupos supostamente

contrastantes e em disputa no contexto do catolicismo brasileiro. Nessas mutações, o episcopado brasileiro teve um papel importante, com destaque para a sua participação nas Conferências Gerais do CELAM. Como já demonstramos anteriormente (FERNANDES; SANTANA, 2018), as marcas deixadas pelas conferências do CELAM na realidade eclesial das Américas e Caribe vão além daquelas já conhecidas, das Comunidades Eclesiais de base e da Teologia da Libertação.

É sob esse prisma que nos propomos a visitar, em breve, a história do Movimento dos Focolares no Brasil, prescrutar a recepção dos documentos do CELAM atuada por esse segmento do catolicismo e, assim, indicar os principais elementos que levaram ao nascimento da proposta econômica da Economia de Comunhão, como um aspecto particular dessa história. Presente no Brasil desde o ano de 1958, o Movimento dos Focolares, como toda a Igreja, foi interpelado pela realidade social aqui existente. Desde então, iniciativas de cunho social foram esboçadas, segundo o espírito do carisma específico da comunidade. Dentre essas se destaca a Economia de Comunhão. Apesar das três décadas que nos separam do nascimento desse projeto, em maio de 1991, a ligação entre o contexto socio-eclesial latino-americano e o nascimento da Economia de Comunhão ainda não foi suficientemente evidenciado.

Onde e como nasceu a Economia de Comunhão (EdC)? Essa pergunta tem um valor histórico-sociológico. De fato, diz respeito a um acontecimento histórico, fruto de um processo social, desencadeador de outros processos, realidade social emergente de uma teia de relações. No entanto, é também uma pergunta de natureza teológica, uma vez que se trata de uma realização carismática; mas também pelo substantivo-adjetivo que a caracteriza: comunhão¹, que é um princípio político e econômico, mas é, em primeiro lugar, uma elaboração teológica, princípio eclesiológico e trinitário.

¹ O termo comunhão, derivado do latim *cum munus*, indica, como bem descreve Piero Coda, segundo a sua etimologia, “um trabalho em prol de relações justas e belas em sociedade” (CODA, 2019). Originalmente, portanto, o termo comunhão designa algo que caracteriza certas relações interpessoais em âmbito civil. Sua migração para o âmbito teológico trinitário o enriquece com as notas típicas das relações entre as pessoas divinas, de modo especial a unidade pericorética entre Pai, Filho e Espírito Santo. Elias Wolf, ao escrever o verbete “comunhão” para o Dicionário do Concílio Vaticano II, nos dá uma definição precisa para a hermenêutica do conceito. Para ele, assim como para nós, “comunhão indica uma relação que envolve a interioridade, no sentido de comungar, de real interação das partes que estão em relação. A comunhão é uma real adesão à unidade e exige envolvimento pleno no plano espiritual e material” (WOLF, 2015, p. 162).

Comunhão e carisma podem ser lidos sob o prisma da sociologia, dizem respeito a formas de relação social. No entanto, essas mesmas formas apontam para a relação com o transcendente, para o fenômeno religioso, para o Mistério. Remetem, sob a ótica cristã, ao Espírito, à sua relação com a história, sua ação na Igreja, seu Ser comunhão na Trindade. Comunhão e carisma são, portanto, realidades sociais e históricas teológicas, são lugares teológicos.

As realidades teológicas da comunhão e do carisma, comumente empregadas em sentido eclesiológico, adquirem aqui, de antemão, um valor social. São princípios de relação social que precisam ser lidos e interpretados segundo uma hermenêutica teológica capaz de escavar em profundidade o lugar (onde) e o modo (como) da gênese de um experimento econômico.

Tomando, então, como ponto de partida, as realidades teológicas da comunhão e do carisma, fazendo destas *locus theologicus*, sem omitir ou negligenciar o aspecto sociológico que as constitui, é que nos propomos a investigar como o processo de recepção focolarina dos documentos do CELAM está na origem da Economia de Comunhão, nascida da experiência carismática de Chiara Lubich, compartilhada por comunidades inseridas na realidade eclesial latino-americana e no contexto sociocultural brasileiro.

2. Método de pesquisa

O presente artigo é um fruto parcial de uma pesquisa documental e bibliográfica que tem como objetivo reconstruir a história do Movimento dos Focolares no Brasil e identificar como aconteceu a recepção dos documentos do CELAM, de Medellín a Santo Domingo, compreendendo assim o arco de tempo entre o nascimento da primeira comunidade no Brasil, em 1958, e o lançamento da Economia de Comunhão, em 1991.

Nossa pesquisa historiográfica teve lugar nos arquivos privados do Movimento dos Focolares na cidade de Curitiba - PR e no centro de difusão da Mariápolis Ginetta, em Vargem Grande Paulista, SP, onde pudemos identificar vasta documentação não catalogada, referente à atuação do Movimento dos Focolares no Brasil desde os anos de 1960. Também foram identificadas brochuras com transcrições de diários de Chiara Lubich, comunicações por carta e via fax entre os membros consagrados do Movimento e a secretaria pessoal da fundadora, cópias de discursos, conversações, temas formativos, palestras e outras formas de comunicação mantida por Chiara e os membros do Movimento.

A experiência carismática é um acesso privilegiado para a interpretação teológica do evento de fundação do projeto econômico da Economia de Comunhão. Essa experiência se insere na Tradição da Igreja latino-americana, horizonte sem o qual não seríamos capazes de compreender por que nessa igreja local é que o carisma se desdobrou em proposta socioeconômica que se move a partir da comunhão. Resulta que a realização histórica, no contexto eclesial e sociocultural onde se insere, é lugar de conhecimento e explicitação do próprio carisma. Torna-se, relevante, então, realizar uma escavação no pensamento e na práxis carismática em sua expressão econômica, para que se compreenda melhor o carisma genético, sua articulação com a história, a tradição eclesial e sua incidência social.

Aqui está proposto o círculo hermenêutico que parte do contexto de uma experiência carismática, donde emerge um objeto que se dá ao pensamento, no horizonte de uma precisa tradição eclesial, que nos estimula a “voltar o olhar ao contexto social, cultural e espiritual do nosso tempo, o que nos convida a levar em consideração a situação existencial do homem contemporâneo, no seu concreto colocar-se histórico defronte ao mistério de Deus” (CODA, 2011, p. 108 – tradução nossa). Esse círculo se conclui como retorno sobre a experiência originária, agora iluminada pela compreensão que parte das vivências e que se faz capaz de desvelar as possibilidades culturais e sociais intrínsecas a um carisma.

A palavra carisma se encontra, por vezes, aprisionada no exílio semântico da interioridade do indivíduo. Tornou-se, enquanto práxis, sinônimo de manifestação extática, emotiva, miraculosa, algo da esfera intrassubjetiva; ou, também, dom de manejar a língua e o corpo, manipular as palavras de modo a atrair seguidores. É certo que, fenomenologicamente e sociologicamente, tais características dizem algo a respeito do que sejam um carisma e uma pessoa carismática. Mas não dizem aquilo que é a sua realidade teológica profunda.

O resgate da dimensão social e inovadora dos carismas, vistos como força de renovação da sociedade, aconteceu por obra de Max Weber e dos posteriores desdobramentos de sua teoria em âmbitos sociológico e econômico. Ao afirmar que “um carisma doa olhos para ver ‘bens’ onde a sociedade vê males ou problemas” (BRUNI; SMERILLI, 2010, p. 70), como o fazem Luigino Bruni e Alessandra Smerilli, as ciências sociais aportam à teologia a compreensão da amplitude da atuação dos carismas, projetando-os além das circunscrições da esfera religiosa. Ocorre, assim, que essa migração

do conceito de carisma do seu terreno originário (a teologia) para outros âmbitos do saber não o deturpa, antes, desvela o dado teológico: que os carismas são ação do Espírito na história, isto é, na concretude da vida nas sociedades humanas; o espectro de luz do Espírito Santo não encontra barreiras para a liberdade da sua ação, que não está circunscrita aos limites visíveis da Igreja, nem é redutível ao que se diz espiritual.

Que um carisma suscite uma visão diferente da realidade social e que, conseqüentemente, seja inspiração para realizações políticas e econômicas que provoquem mudanças culturais é uma aquisição que a pesquisa interdisciplinar envolvendo teologia, sociologia e economia nos deixa em herança. Nós mesmos, em estudo precedente, demonstramos e documentamos as raízes carismáticas da economia de comunhão, evidenciando a profunda ligação desse projeto com os anseios, ideais, experiências e intuições espirituais que as comunidades do Movimento dos Focolares gestaram por décadas e que foram sintetizadas, articuladas e projetadas pela perspicácia de Chiara Lubich, fruto do carisma do qual se fez portadora (SANTANA, 2019).

3. O processo de recepção do Magistério do CELAM

Frei Clodovis Boff afirma que os documentos do magistério passam, inequivocamente, por uma *'receptio'*, ou seja, uma apropriação ativa e criativa do texto por parte das comunidades que formam a Igreja (BOFF, 1993). Para o Frei, o sentido pleno de um documento só se torna conhecido quando se conhece as interpretações dadas pelas comunidades, ao que João Décio Passos acrescenta que essa recepção evolui sujeitos ativos, não a interiorização passiva de regras e mandamentos (PASSOS, 2018).

A circularidade hermenêutica existente na recepção de um texto magisterial supõe a existência de um vivido da comunidade antes do texto, a recepção do documento, o confronto e a reflexão acerca do escrito, a valoração das práticas existentes e a adequação ou a confirmação dessas práticas à luz do apontamento recebido pela comunidade. É o que vamos descrever aqui em relação ao Movimento dos Focolares no Brasil.

As primeiras anotações históricas da inquietude da comunidade focolarina frente à situação de miséria encontrada no Brasil, temos nos registros de diário de Chiara Lubich, por ocasião de uma sua primeira visita ao Recife, no ano de 1964. O olhar de uma mulher estrangeira, que viveu a guerra e a reconstrução da Itália, que conheceu a pobreza e a riqueza, mas não a desigualdade, é revelador. São as palavras do diário de Lubich que nos

dão os elementos-chave para a compreensão de como se deu a recepção focolarina dos documentos do CELAM. Transcrevemos, então, parte desse documento histórico. O diário é datado do dia 17 de abril de 1964. Foi originalmente escrito em língua italiana, publicado posteriormente, em 1991, traduzido em língua portuguesa.

A providência nos preparou como hospedagem, por meio de um simpatizante, uma casa tão bonita – nunca tinha visto nada parecido. Comparada com a pobreza que reina ao redor, de modo especial nas miseráveis casas dos deserdados, ela nos faz compreender por que este terreno se presta a uma revolução social. [...]

Nesta casa tive uma sensação estranha: primeiro de mal-estar, e depois, com o tempo, de opressão. Pensei: “mas será que os que vivem bem esperam alguma coisa na outra vida, já que aqui na terra têm tudo?” Compreendi, com maior profundidade, as palavras de Jesus: “Ai de vós, ricos, pois tendes já a vossa consolação”.

Quem vive aqui há anos talvez não se dê conta desta sensação de repulsa pelo abismo que existe entre pobres e ricos, porque se pode chegar a tolerar a riqueza dos que possuem, na espera de que se convertam. Mas a “fome e a sede de justiça” é uma das bem-aventuranças que devemos sentir vivas e vibrantes, para fazer alguma coisa (LUBICH, 1991a, pp. 39-40).

A recepção focolarina do magistério da Igreja latino-americana passa pela mediação de Chiara Lubich. Mesmo à distância, de Roma, é a liderança carismática quem exerce forte influência sobre a comunidade, dita-lhe os rumos, orienta-lhe as escolhas, conduz os olhares e as formas de atuação. Esses aspectos são tipicamente presentes nos fenômenos carismáticos, notadamente na fase fundacional, onde o portador do carisma tem uma ascensão primordial sobre os demais participantes². No Brasil, a liderança carismática de Lubich foi em certa medida compartilhada com Ginetta Calliari, uma das primeiras companheiras do núcleo fundacional do Movimento em Trento, na Itália. Calliari veio ao Brasil em 1958, estabeleceu-se primeiro em Recife e mais tarde em São Paulo.

Calliari exerceu ampla influência sobre o Movimento dos Focolares no Brasil, desde o final dos anos de 1950 até a sua morte, em 2001. Devemos a ela

² Sobre a ascendência do líder carismático sobre o grupo, encontramos indicadas seja em termos filosóficos, como na obra de Max Scheler “Modelos e Líderes” (SCHELER, 1998), em termos sociológicos, de que Max Weber é o maior expoente, mas também na teologia, vide a obra de Giancarlo Rocca, O Carisma do fundador (ROCCA, 2010).

a conservação dos principais registros do *modus operandi* do Movimento frente aos problemas sociais do país. Também foi Ginetta Calliari, por meio da sua atuação junto às comunidades que se foram estabelecendo no Sul e Sudeste do Brasil, através das suas intervenções e palestras nos principais eventos realizados a partir da década de 1960 (as Mariápolis) e, ainda, pela disseminação de fitas k7 e vídeos em VHS, que moldou o *modus loquendi* do Movimento, o vocabulário específico para tratar do problema da desigualdade social.

Ginetta nos transmitiu um relato autobiográfico da sua impressão inicial por ocasião da chegada ao Brasil. Esse relato, assim como o diário de Lubich, nos abre o horizonte de compreensão focalarina da situação de desigualdade enfrentada no Brasil.

Com o passar dos dias, comecei a verificar, pelas ruas de Recife, a realidade social que nos circundava. E fiquei estupefata! Através dos meios de comunicação havia conhecido a miséria presente em grande parte da humanidade. Mas verificar a extensão e a profundidade do problema com meus próprios olhos foi muito diferente. No ambiente em que vivera até então, apesar de ter vivenciado a guerra, com todas as suas terríveis consequências, não conhecera o desnível social em tão grandes proporções.

A pobreza e a miséria existentes em Recife eram demasiadamente contrastantes com a beleza da cidade (CALLIARI, 1987, pp.7-8).

Tratava-se de uma situação desconhecida por Calliari, assim como por Lubich, e escandalosa a seus olhos. Não era comparável à situação do pós-guerra europeu, contexto no qual nasceu o Movimento dos Focolares, período em que o movimento se dedicou ao cuidado dos miseráveis da cidade de Trento. Recife não tinha passado por uma guerra, e os pobres eram tantos! Recife não viu uma reconstrução, e Ginetta Calliari se defrontou com a persistência do escândalo da desigualdade. O relato continua:

Pouco a pouco, fui conhecendo o drama de milhares de pessoas de todas as idades e das mais variadas experiências, que vêm desembocar nas cidades grandes em busca de uma possibilidade de sobrevivência.

[...] Pensando naquela multidão de migrantes, parecia-me que até agora nada havia sido feito; eles não eram previstos! Tudo programado por uma minoria que tem a possibilidade de usufruir não só os bens necessários, mas também um exagerado supérfluo.

[...] Um dia, uma mulher maltrapilha aproximou-se de mim com uma menina nos braços. A criança, que devia ter no máximo dois anos, olhando-me, quis esboçar um sorriso, mas não conseguiu. Quis chorar..., mas nem isso

conseguiu... A desnutrição tinha-lhe causado dois cortes nos cantos da boca. Ela não sabia o que quer dizer, rir nem chorar sem sentir dor... (CALLIARI, 1987, pp. 10-11)

Aos poucos ela compreendeu que a situação de miséria e dor, a desigualdade indigna, que impede crianças de rir e chorar, não era algo pontual e passageiro, mas uma situação estrutural, que Ginetta identificava como persistência da mentalidade colonial, uma lógica perversa que pervadia as relações sociais e que estava inoculada nos espaços de poder da sociedade que via. O relato de Ginetta, do qual transcrevemos alguns recortes, é extenso. Abre um livro por ela organizado, cujo título sugestivo é “O Evangelho, força dos pobres”, publicado pela primeira vez no ano de 1983. Nesse livro ela não elaborou uma teologia, uma teoria, ou uma reflexão sobre as questões macroestruturais e sobre a natureza econômica e política dos problemas sociais do Brasil. Tomou outra estrada, orientou-se para a demonstração daquilo que, segundo ela, o Evangelho seria capaz de realizar, caso fosse colocado em prática.

Ginetta bebe da fonte do Documento de Puebla para indicar que a experiência da primeira comunidade dos Focolares, em Recife, que ela então contava, estava em consonância com as indicações do magistério da Igreja latino-americana. Na verdade, esse magistério confirmava, conforme o relato, a experiência já vivida. Essa operação, feita por Ginetta, marca uma das formas de recepção focolarina dos documentos do CELAM. Difundiuse a percepção de que o próprio carisma era capaz de dar respostas às problemáticas encontradas no novo ambiente social em que nasciam as comunidades focolarinas. O carisma, por seu próprio ideal de vida e por sua peculiar leitura da realidade, seria capaz de gerar soluções específicas para as questões enfrentadas em cada situação concreta. O magistério da Igreja, assim, seria uma instância de confirmação da validade do vivido. Nessa perspectiva, perigosamente autorreferencial, embora, igualmente, consciente da especificidade e responsabilidade de um carisma perante a história, os documentos do CELAM corroboravam e incentivavam os caminhos que as comunidades focolarinas iam trilhando.

Essa primeira forma de recepção dos documentos dava ênfase à confirmação magisterial, ao reconhecimento das formas e escolhas que se iam afirmando ao passo que o Movimento dos Focolares se difundia na América do sul. Independentemente das instâncias teológicas e eclesiais

que endossavam a opção preferencial pelos pobres na América Latina, as comunidades do Movimento dos Focolares neste continente se concentraram na questão social a partir dos apelos diretos da líder carismática. Chiara Lubich direcionou, em diversos momentos, suas orientações aos membros do movimento no continente para que estes se envolvessem com a questão social. Tais convites raramente faziam referência às instâncias eclesiais locais, mas partiam, de fato, dos desenvolvimentos e desdobramentos internos do próprio carisma e das próprias comunidades, ainda em fase fundacional.

Um ano após a Conferência de Medellín, num discurso proferido em 12 de julho de 1969 em Rocca di Papa, Itália, por ocasião de um dos primeiros congressos internacionais de jovens dos Focolares (os Gen), Lubich retoma o tema dos desequilíbrios sociais na América Latina com as seguintes palavras:

Como vocês sabem, inclusive através das últimas notícias que apareceram nos jornais, a revolução social irrompeu na América do Sul. De fato, em muitos países há problemas econômicos graves, faltam casas, falta trabalho etc. [...] Os nossos jovens, portanto, não vão ali para doar do alto para baixo, mas vão como que ajoelhar-se, pedir a eles que se deixem ajudar. E, então, colocam-se no nível deles, não descendo, mas subindo à altura deles, de gente que sofre e que chora, para ensiná-los a dar alguma coisa à sociedade.

O que significa resolver os problemas sociais? Significa construir a cidade, a cidade do homem, para que depois possa existir a cidade de Deus. Quando Deus disse, no livro do gênesis: “subjuguai a terra” queria dizer: construam casas, lugares de trabalho, façam com que os homens vivam bem. Foi Deus quem mandou isso, e foi Cristo quem disse: “devolvi, pois, o que é de César a César, e o que é de Deus, a Deus”. É por Cristo que obedecemos aos chefes de Estado. Não baixaremos a cabeça para nenhum homem. Só diante de Deus, só diante de Cristo, baixaremos a cabeça.

Por esse motivo, também os problemas sociais são problemas cristãos. De fato, foi Deus quem nos mandou subjugar a terra. (LUBICH, 2016a, pp.154-155)

Deve-se considerar, então, de fato, que houve uma coincidência história entre os apelos advindos da instância do magistério da Igreja no continente e os desenvolvimentos internos do movimento dos Focolares, cuja preocupação social ganhou voz por meio da líder carismática. No extrato do discurso de Lubich, por exemplo, encontramos importantes referências à opção pelos pobres como exigência intrínseca da vida evangélica no continente sul-americano. Mais ainda, há a forte consciência de que junto aos pobres se encontra Deus. Nas palavras de Chiara, aproximar-se dos pobres é elevar-se

ao seu nível, o nível dos bem-aventurados porque choram por causa da justiça. Não há referências a Medellín, mas há uma ressonância com o documento final daquela Conferência.

Havia, porém, não só consonâncias, mas também divergências entre a perspectiva de práxis cristã inaugurada pelos documentos do CELAM e aquela focolarina. Enquanto a liderança focolarina indicava o cenário internacional e a participação ativa no movimento de contracultura juvenil, a Igreja apontava, desde 1969 com Medellín, para as realidades locais, para o específico, concreto e urgente que as situações de vulnerabilidade econômica e social representavam.

Essa discrepância, foi amenizada somente a partir do ano de 1977 (ainda nos albores de Puebla), com o lançamento do projeto “Morrer pela própria gente”. Novamente o discurso de Chiara Lubich, por ocasião do lançamento do projeto, nos permite adentrar no lugar teológico do desenvolvimento de uma realidade carismática nova, nas descobertas que faz o portador do carisma, especialmente quando se confronta com o magistério da Igreja. O discurso é datado de 15 de maio de 1977, e dentre outras coisas diz:

Aquilo que entendi profundamente foi o fato de que Jesus, instituindo a hierarquia no seu Corpo Místico, no qual Ele está vivo através dos séculos, confiou a ela tanto a Igreja Universal quanto as igrejas locais.

Por isso, compreendi que se todos nós quisermos ser realmente um outro Jesus, devemos ter a sua mentalidade, que é ao mesmo tempo universal e particular; não podemos viver para amar somente os que estão longe de nós, sem fazer alguma coisa pelos que estão ao nosso lado. Devemos enraizar-nos também na nossa terra e demonstrar concretamente o amor, onde estivermos. [...] Os jovens não são completos se não se enraízam na própria terra. E, um pouco antes de me encontrar com vocês, me veio em mente uma frase dita por um religioso da Obra antes de partir para sua terra onde havia perseguições: “até breve, talvez só nos vejamos no Paraíso”. E depois acrescentou, prevendo que talvez não retornasse mais: “Estou indo morrer pela minha gente”.

Pois bem, cada um de nós deve sentir isso: é lógico que devemos morrer pela humanidade [...], porém, é preciso morrer também pela própria gente. (LUBICH, 2016b, pp. 56-57).

O lema “morrer pela própria gente” foi o impulso necessário para que os diversos grupos de jovens, a essa altura já numerosos em algumas cidades do litoral do nordeste, assim como no sudeste e no sul do Brasil, se empenhassem em atividades sociais várias. Note-se, porém, que também nesse

caso a recepção do magistério era sobretudo com o caráter de confirmação e incentivo. A verdadeira motivação para as ações era dada pela liderança carismática, não tanto pelo direcionamento tomado pela Igreja no continente.

Por outro lado, o caráter profético e a ousadia dos documentos do CELAM, as situações sociais conflitantes, o fenômeno das CEBs e da Teologia da Libertação foram fonte de estímulo, confronto e indagação para o Movimento dos Focolares. Dirigido, à época, por uma maioria de líderes provindos da Itália, a realidade da Igreja latino-americana não deixou de causar desconforto e instigar o próprio movimento a atender de forma mais contundente os apelos vindos do magistério da Igreja local.

Encontramos isso documentado de modo loquaz num escrito de 42 páginas, localizado no arquivo privado do Movimento dos Focolares em Curitiba, sem catalogação e sem indicação de autoria e data de redação. Para identificá-lo, atribuiremos um código específico, conforme segue. Se trata de um relatório extenso, provavelmente endereçado à liderança da comunidade, na Itália, composto por três partes: Uma análise da situação da igreja no Brasil de então (DOC 1 – “*La chiesa del Brasile di fronte all’attuale momento politico*” – inédito); Uma narrativa histórica e descritiva da CNBB, da atuação dos bispos do Brasil naquele momento histórico, bem como sobre a posição de alguns prelados em relação aos Focolares (DOC 2 – “*La Conferenza Episcopale brasiliana CNBB*” - Inédito); E um resumo comentado, em língua italiana, no recém-publicado Documento de Puebla (DOC 3 – “*Sommario Documento di Puebla*” - inédito).

Embora não datado, o relatório se situa num contexto histórico definido e explicitado, o período da “reabertura democrática” ocorrida no governo Figueiredo (1979-1985). A partir dos dados presentes no escrito, como referências a eventos e, sobretudo, um elenco das Campanhas da Fraternidade realizadas pela CNBB, pode-se dizer que foi escrito no ano de 1983. Estamos no imediato período posterior à realização de Puebla. Por isso mesmo, preocupa-se o autor do relatório em enviar para Roma, para a direção central dos focolarinos, uma tradução e esquema de leitura do Documento de Puebla, considerado fundamental para a compreensão do contexto eclesial brasileiro.

Vemos, desde então, a atenção do Movimento dos Focolares, naquele momento ainda marcado por uma liderança europeia, em de fato compreender as especificidades da igreja no Brasil. Mais que isso, há uma atenção às questões da desigualdade social, da democracia e dos problemas econômicos

enfrentados no país. E olha-se para a posição do episcopado brasileiro, ora com o típico estranhamento de quem vem de outro continente, ora com desconfiança, assim como admiração e louvor à coragem dos bispos no enfrentamento do poder político ditatorial.

O Documento 1, cujo título, traduzido para o português é “A igreja no Brasil diante do atual momento político”, traz uma análise aguçada do período. Diz, de fato, que o governo Figueiredo começara com a compreensão de que a governabilidade já não estava mais garantida pelos “métodos autoritários instaurados pela ‘revolução’ de 1964” (DOC 1 – p. 1 – inédito). Reconhece que “a abertura democrática é somente uma concessão habilmente manobrada para dar o máximo de aparência e o mínimo de conteúdo democrático” ao país, demonstrando desconfiança e pessimismo quanto a uma real mudança social, pois seria “de fato impensável que o atual grupo de poder que encontra no exército a expressão política mais evidente, possa operar uma real transformação, dando às massas até agora exploradas um efetivo poder, sem ter que provocar uma ruptura com a linha precedente” (DOC 1 – p. 1 – inédito).

O relatório repassa os principais eventos para que o leitor chegue a uma precisa compreensão do papel da Igreja no Brasil, desde o apoio inicial ao golpe militar de 1964, passando pela gradual mudança de posição frente ao regime político e chegando ao confronto, desencadeado, ainda segundo o relato, após o AI5 e a perseguição dos militares a integrantes do clero.

Como dissemos, o processo de recepção de um documento do Magistério envolve uma dialética que implica apropriações parciais, releituras, revisões de concepções e linguagens. Emerge dos relatos de Ginetta, publicados já nos anos de 1980, a posição que aponta para uma hermenêutica da confirmação, isto é, que lê as posições do magistério como uma confirmação do conteúdo carismático. Já nesse relatório, outra face do processo de recepção vem à tona: a assimilação da linguagem do episcopado e a autocrítica do Movimento.

Depois de falar do perigo de que a Igreja se torne instrumento de defesa dos privilégios dos poderosos, o documento traz uma clara apropriação das instâncias críticas endereçadas ao Movimento. A autocrítica presente é essa, a liderança europeia do Movimento dos Focolares no Brasil poderia não compreender com exatidão o endereço dado pelo episcopado local. Talvez estivessem ainda, como diz o texto, presos aos esquemas interpretativos aprendidos em outros lugares. Mas encontravam uma chave de leitura adequada

na ideia de integralidade, isto é, se compreendessem que os povos latino-americanos viam a vida em sua integralidade, poderiam acolher o significado da libertação integral proposta por Puebla. Assim diz o documento:

Para nós europeus não é fácil exprimir essa nova compreensão que a Igreja brasileira tem de si mesma, sem deformá-la com o uso dos nossos esquemas. A linguagem acima utilizada, de via intermédia entre a escolha religiosa e a escolha integralista, talvez pertença mais ao nosso ambiente cultural do que àquele latino-americano. O empenho pela libertação integral do homem que caracteriza a posição da Igreja latino-americana em geral, considera cada aspecto da vida humana como pertinente à fé. Os membros das comunidades cristãs vivem religiosamente todos os fatos das suas vidas, sejam individuais ou sociais. Em particular, o despertar das massas populares que reclamam uma orientação diferente na condução do país é interpretado como parte da salvação oferecida por Deus aos homens (DOC 1 – p. 1 – inédito – tradução nossa).

Os relatos autobiográficos, que anteriormente apresentamos, têm a peculiaridade do olhar feminino para a realidade social. São duas mulheres italianas, Chiara Lubich e Ginetta Calliari, católicas trentinas, que se escandalizam diante da miséria. Serão essas mesmas mulheres, com seu olhar italiano, trentino, a recepcionar o fenômeno da Teologia da Libertação. Por aqui passa toda a interpretação focolarina do magistério da Igreja do Brasil e da América Latina. O mesmo estranhamento capaz de perceber a naturalização da desigualdade, se fez presente diante da suposta aproximação do magistério da Igreja aos ideários de revolução socialista. Além disso, guardava-se uma certa reserva quanto à aproximação da igreja a partidos de esquerda, possivelmente influência, novamente, da tradição eclesial italiana, onde a Igreja enveredou pela linha do apoio a um partido de inspiração cristã, a *Democrazia Cristiana*, que teve dentre os seus iniciadores Iginio Giordani, co-fundador do Movimento dos Focolares³.

De fato, o autor do relatório antes referido indica que a Conferência Episcopal do Bispos do Brasil se opunha à criação de um partido católico. Diz o documento: “O primeiro aspecto que pode nos chocar, aos italianos,

³ Sobre o papel de Iginio Giordani na fundação do partido político italiano *Democrazia Cristiana*, bem como sua participação no Movimento dos Focolares e seu reconhecimento enquanto fundador do mesmo, ver: GIORDANI, Iginio. Memórias de um cristão ingênuo. Vargem Grande Paulista, São Paulo: Editora Cidade Nova, 2018. SORGI, Tommaso. Iginio Giordani, sinal dos tempos novos. São Paulo: Editora Cidade Nova, 1994.

é a oposição a favorecer o nascimento de um ‘partido dos católicos’”. E indica que o caminho trilhado foi aquele da formação à cidadania, por meio da educação política da população, fomentada pela CNBB e pelas dioceses por meio da elaboração e distribuição de cartilhas de orientação política. Segundo o documento analisado, essas cartilhas têm em comum um mesmo esquema de elaboração, que apresenta um aspecto bíblico-formativo, um aprofundamento em temas da doutrina social e critérios para a escolha dos partidos políticos.

Diante das dificuldades da liderança focolarina em entender o cenário político e eclesial, bem como as profundas ligações entre os desenvolvimentos da teologia latino-americana, o nascimento dos movimentos populares e a formação dos partidos políticos de esquerda, outras mediações se tornaram necessárias, para que os focolarinos pudessem colher e acolher a especificidade da igreja latino-americana: os bispos brasileiros, os teólogos da comunidade, o Papa Paulo VI.

É de se notar a relação estabelecida, já nos anos de 1960, entre a realidade carismática dos Focolares e a igreja local de Recife e Olinda, no primeiro momento e, posteriormente, ainda em Pernambuco, com as dioceses de Caruaru e Garanhuns. Mais tarde, já nos anos de 1970, as relações mais significativas são estabelecidas com as Igrejas do Sul e Sudeste do Brasil, com destaque para a ligação profunda entre Ginetta Calliari e Dom Davidd Picão, bispo de Santos – SP, este foi peça fundamental para que o Movimento dos Focolares adotasse uma postura de abertura em relação à Opção pelos Pobres, tendo também atuado na mediação entre o Movimento e a Teologia da Libertação.

Os relatos da experiência de Ginetta, Chiara e outras mulheres são documentos fundamentais para a compreensão da postura dos Focolares frente ao problema da desigualdade social, registram os primeiros passos de uma práxis voltada especificamente para o enfrentamento da pobreza por parte dos focolarinos. No entanto, uma postura mais ativa e mesmo estratégica nasceu, quase sempre, a partir dos apelos do episcopado local. Assim, os próprios registros históricos dos Focolares anotam a existência de uma segunda possibilidade de recepção de Medellín e, principalmente, de Puebla, indicando como certas iniciativas foram tomadas em resposta às solicitações dos bispos.

Em primeiro lugar, historicamente, temos a intervenção de Dom Hélder Câmara junto à comunidade do Recife, apelando para que os membros

do movimento não esquecessem dos pobres. Documentamos, em estudo precedente, como o pedido de Dom Hélder e seu acompanhamento pastoral à comunidade nascente foi relevante para a primeira experiência de intervenção social dos Focolares naquela cidade (SANTANA, 2019).

Ao longo das décadas, o Movimento dos Focolares manteve relações com nomes importantes do episcopado que exerceu liderança no Brasil, aderentes à perspectiva da Teologia da Libertação. Além de Dom Hélder, outro nome a ser notado é o de Dom Paulo Evaristo Arns, arcebispo de São Paulo. A visibilidade que os Focolares foram adquirindo, a partir dos anos de 1960, em São Paulo, atraiu críticas e desconfianças, inclusive por parte do episcopado. Doutro lado, aqueles foram também os anos de estabelecimento de relações com os bispos locais e com a Conferência Episcopal, a CNBB. Falávamos da recepção dos documentos do CELAM, onde temos Ginetta Calliari como principal interlocutora desse processo. Dizíamos da leitura que se impunha como correção e, talvez, chamada de atenção para as necessidades prementes e orientações dadas pela Igreja. E é nesse sentido que a figura de Dom Paulo Evaristo Arns se tornou emblemática. No segundo livro editado por Ginetta após Puebla, no ano de 1982, encontramos, já como segundo relato, a seguinte experiência, reportada anonimamente no livro:

Participando da Mariápolis, fiquei profundamente impressionada com as colocações feitas sobre a presença de Cristo no irmão e, de modo especial, nos mais necessitados. Tomei maior consciência da opção preferencial pelos pobres que a Igreja na América Latina pede aos cristãos.

Mesmo já estando engajada no trabalho com os pobres, percebi que Jesus me pedia muito mais [...].

No primeiro domingo após a volta da Mariápolis, durante a missa, o sacerdote lançou o apelo de D. Evaristo Arns, Cardeal Arcebispo de São Paulo, pedindo orações para que surgissem voluntários leigos dispostos a ir para Itacoatiara, na Amazônia, igreja-irmã da diocese de São Paulo. O sangue parecia ferver nas minhas veias – era aquilo que eu queria!

[...] Dias depois fomos conversar com o Cardeal para comunicar-lhe que estávamos dispostos a responder ao seu apelo. Para ele foi motivo de grande alegria (CALLIARI, 1982, p. 15).

O relato é feito por uma mulher, e prossegue falando da experiência vivida na comunidade de Urucará, na então prelazia de Itacoatiara. Nele é possível entrever a tensão focolarina entre a busca por aprovação por parte do episcopado e a resposta aos pedidos dos bispos. Além disso, o relato

nos indica que as questões ligadas à “opção preferencial pelos pobres” eram tratadas nos encontros do Movimento, mas que ainda assim, as indicações dadas pelo Cardeal Arns à Arquidiocese de São Paulo figuravam como mais exigentes do que o “engajamento” já existente por parte dos leigos.

O tom respeitoso com o qual o Cardeal é tratado no relato é notório. Na conclusão do escrito encontramos: “Chegando a São Paulo, fomos visitar o Cardeal que nos acolheu com amor de pai, considerando como um dom de Deus para nós a nova vida que estava para nascer” (CALLIARI, 1982, p. 16). Nos parece que o apreço nutrido e manifestado pelo Cardeal Arns possa ser lido, justamente, como um dos modos como a recepção do magistério ocorreu.

O nome e a figura de Arns são recorrentes na história focolarina; e a ele é atribuída a frase a partir da qual se começa o relato do nascimento da Economia de Comunhão, documentados em maio de 1991, como sinal de que os estímulos do episcopado brasileiro, ancorados especialmente em Medellín e Puebla, de fato marcaram a forma de atuação do Movimento dos Focolares. Por fim, à guisa de confirmação, há um outro relato emblemático que encontramos na autobiografia de Ginetta Calliari, publicação póstuma organizada pela teóloga Sandra Ribeiro. O relato não é datado, mas a indicação da publicação de um livro nos permite dizer, com certeza, que os episódios descritos estão situados no início dos anos de 1980. Ginetta, tratando mais uma vez da questão da pobreza no Brasil, diz o que segue:

A esse propósito, havia uma focolarina que dava aulas no Colégio Santo Inácio, dos Jesuítas [...]. Certa vez, um religioso apresentou aos professores um novo método de ensino, mais atual. Na mesma ocasião, ela apresentou-lhe o livro “O evangelho no dia a dia” e disse: O senhor leia, depois me diga alguma coisa.

No dia seguinte, eles tinham de preparar um programa sobre aquilo que ouviram do religioso, um programa novo, com aquelas novas linhas. Ele, porém, disse: Eu não quero mais aquelas linhas, quero que esse livro se torne o texto de estudo para os alunos [...].

E isso aconteceu no período em que eu tinha lido um artigo na revista REB (Revista Eclesiástica Brasileira), no qual o autor falava dos Movimentos e dizia que esses atingem a classe média, não atingem a classe alta, nem a classe dos pobres. Fui conversar com dom Ivo Lorscheiter, o presidente da CNBB na época, para ouvir o parecer dele. Ele disse que devíamos ir em frente, sem nos preocupar. Disse: Vocês têm que ir em frente, porque vocês têm duas coisas, a unidade e a obediência.

A unidade como vocação e a obediência à Igreja. Assim, disse a mim mesma: Não vou me preocupar com nada, porque podem marginalizar os Movimentos, mas Deus não pode ser marginalizado. [...] Quero falar disso, não para me defender e nem para fazer polêmica, mas para testemunhar com a vida (CALLIARI, 2006, pp. 216-217).

Ginetta aqui reporta dados de grande relevância. Primeiro, ela relata conhecer e acompanhar um dos principais instrumentos teológicos de divulgação seja das ideias-força contidas nos documentos do CELAM, seja da Teologia da Libertação: a REB. E não só, ela indica conhecer as críticas dirigidas aos movimentos eclesiais, se preocupar por essas críticas e procurar o então presidente da CNBB para se confrontar, ela como líder do Movimento dos Focolares, o que deveria ser feito.

A revisão das práticas e a busca por uma maior identificação com a realidade local se deu, por quanto emerge da documentação histórica, em várias frentes. Agenor Brighenti indica que um dos caminhos percorridos para a implementação de Puebla foi, por parte das comunidades locais, a promoção de cursos e formações sobre a doutrina social da Igreja. A dimensão pastoral enriqueceu-se com a realização de “encontros e congressos para partilha de experiências” (BRIGHENTI, 2019, p. 215). Esse foi, também, um dos filões desenvolvidos no seio do Movimento dos Focolares, liderado por Ginetta Calliari e Dom David Picão, com a promoção das escolas sociais para leigos. Ocupou-se, o Movimento, de formar os leigos para a atuação na sociedade, conforme indicado por Puebla. Essa experiência durou mais de uma década, e foi um daqueles “compostos” que fertilizou o terreno para o nascimento da Economia de Comunhão.

De fato, não seria possível que um empreendimento como a Economia de Comunhão tivesse nascido no Brasil sem uma recepção toda peculiar, mas fiel, do magistério da igreja latino-americana feita pelo Movimento dos Focolares. Os principais temas dos documentos do CELAM, desde a importância da comunidade de base, o valor do testemunho laical, o compromisso pela promoção da comunhão e participação até os aspectos de ecumenismo e diálogo inter-religioso, estiveram presentes na vida das comunidades dos Focolares no Brasil.

Um notável resumo dessa recepção focolarina temos no documento cujo título é “Contributo da Obra de Maria⁴ na construção do homem novo”.

⁴ Obra de Maria é o nome oficial do Movimento dos Focolares, conforme reconhecimento pontifício.

Trata-se do tema/aula preparada por Ginetta Calliari para o curso da Escola Social dos Focolares do ano de 1988. Documenta-se, assim, por escrito, o aporte de Dom David Picão sobre o magistério do Concílio Vaticano II e as encíclicas sociais dos Papas. Ginetta anota que “foi muito importante o aprofundamento destes ensinamentos inseridos na nossa cultura latino-americana, à luz dos documentos de Medellín, de Puebla, e na reflexão da Teologia da Libertação” (CALLIARI, 1988, p. 1 - inédito).

Nesse documento, ela elabora a tese de que há uma contribuição específica do Carisma de Chiara Lubich para a compreensão antropológica. E coloca esse aporte em continuidade aos desenvolvimentos teológicos próprios do continente, embora sua fonte seja o pensamento de Chiara Lubich, pois, segundo ela:

É uma conclusão mais que lógica dado que todos nós, membros do Movimento dos Focolares, num determinado momento da nossa vida fomos tocados por Deus através do carisma de Chiara Lubich. Todos nós, seja de uma maneira mais, ou menos consciente, estamos convencidos de que o carisma da Obra de Maria é um dom de Deus à humanidade de hoje. Portanto, através de sua espiritualidade e de sua experiência, a Obra deve pronunciar aquela palavra pensada por Deus e que responde às aspirações mais profundas e mais exigentes da nossa época (CALLIARI, 1988, p. 2 - inédito).

E, para Ginetta, a palavra específica da visão focolarina sobre o ser humano é aquela da dignidade da sua socialidade, pois essa seria marca da criação do homem à imagem e semelhança do Deus Trindade. E aqui que entra o tema da Trindade como modelo social, presente desde cedo no imaginário focolarino, mas decisivamente elaborado por Ginetta em contexto latino-americano para apontar o “modelo trinitário” como chave para a renovação da socialidade ferida pela desigualdade social e pela violência na América Latina.

Ginetta articula a sua argumentação em três pontos: “o modelo trinitário”, “Jesus presente entre nós: a possibilidade de um relacionamento pleno” e “uma espiritualidade coletiva”. Amparando-se em textos de Chiara Lubich, Ginetta explica que “o modelo sobre o qual estabelecer nossos relacionamentos é a Trindade”. Esse modelo se atuaria na vivência da relação de reciprocidade como “dom de si ao outro, na unidade, tendo como modelo a Trindade”. Para ela,

Se a Trindade é o modelo do nosso relacionamento, Jesus presente entre nós é a possibilidade de sua realização. Se devemos olhar a Trindade para saber como deve ser o relacionamento entre nós, devemos ter Jesus no nosso meio para que a unidade seja verdadeira e o relacionamento pleno.

Podemos dizer que Jesus presente no nosso meio é a possibilidade de um relacionamento que, por causa do pecado, ficou como uma exigência irrealizada (CALLIARI, 1988, p. 5 – inédito).

E é assim que Ginetta aponta para a necessidade de um novo direcionamento na espiritualidade. Para ela, “uma espiritualidade que evidencia a dignidade do indivíduo e a socialidade como dimensão intrínseca do ser, deve definir-se como um caminho ‘coletivo’ de acesso a Deus” (CALLIARI, 1988, p. 6 – inédito).

4. O processo de secularização e a emergência de uma nova matriz religiosa católica

Em linhas gerais, podemos apontar como características da religiosidade contemporânea a tendência à desinstitucionalização da religião, o arrefecimento das tradições e o emergir de novas expressões e configurações da experiência humana com o Sagrado naquilo que comumente chamamos de espiritualidade. Essa interpretação se refaz à clássica tese da secularização, de Max Weber, que foi, ao longo dos anos, revista, criticada, retomada e lida segundo perspectivas muito diversas para explicar seja a persistência da perspectiva religiosa no espaço público de sociedades tidas como seculares, seja o pluralismo como forma contemporânea de afirmação da religião no espaço público. Um aspecto crucial da tese weberiana, reiteradamente debatido, é a relação entre religião e economia no nascimento, desenvolvimento e mudanças do capitalismo. As insuficiências do pensamento de Weber são hoje conhecidas e sua tese da influência da religião (da ética protestante) para o nascimento do capitalismo é matizada pela compreensão de que as implicações entre o cristianismo e o capitalismo são mútuas e múltiplas. Adrian Prabst, por exemplo, descreve o papel da teologia da Contra-Reforma Católica, marcada por uma visão de mundo dicotômica entre natural e sobrenatural, para o desenvolvimento de uma concepção acerca do Mercado e da Economia como âmbitos autônomos e neutros da vida humana (PRABST, 2013).

A própria teologia cristã, portanto, é agente do processo de secularização e protagonista, juntamente com outras esferas da sociedade,

da relação entre religião e economia. A história das Conferências Episcopais Latino-americanas é um exemplo convincente das interrelações entre religião, economia e política no campo simbólico das sociedades latino-americanas. De fato, a economia foi um campo privilegiado de atenção da teologia católica, sempre crítica frente à persistência do fenômeno da desigualdade social.

A defesa insistente do papel da Igreja e de suas estruturas no enfrentamento do problema da desigualdade social cooperou para que a visão carismática (no sentido teológico de Carisma, não no sentido daquilo que é referente à Renovação Carismática Católica) não adotasse uma perspectiva disjuntiva entre fé e compromisso ético, mas que da confluência entre o processo de recepção dos documentos do Magistério e os desenvolvimentos do Carisma do Movimento dos Focolares, sob a liderança de Chiara Lubich, nascesse a expressão econômica da Economia de Comunhão.

O sociólogo italiano Pierpaolo Donati, expoente da vertente relacional da sociologia contemporânea, diz que é possível entrever na contemporaneidade uma espécie de busca religiosa onde o traço marcante é o estabelecimento de uma relação com a transcendência. Segundo Donati, isso é não somente no sentido de uma relação direta com o divino, mas de uma relação com a transcendência através da relação social estabelecida com a alteridade. O foco aqui está no termo relação, ou seja, na realidade social que emerge de dois ou mais polos autônomos e interdependentes. A percepção do autor, da qual compartilhamos, é que está em curso uma mudança na matriz religiosa do Ocidente cristão, onde o sentido da transcendência muda de direção (DONATI, 2010).

Segundo essa compreensão peculiar do processo de secularização, o sentido (direção) do transcender deixa de ser predominantemente um sentido vertical ascendente (transcendência como ascese, um ir além da imanência do mundo) para uma direção descendente (transcendência como um descer de Deus para a relação com o ser humano e entre os seres humanos). Trata-se da compreensão mesma da possibilidade de estabelecimento de uma relação com o Sagrado, da qual a relação social (relação interpessoal) é metáfora, signo e lugar de encontro.

Donati reconhece que embora não hegemônica, essa matriz teológica emergente pode ser encontrada lá onde, em ambiente católico, nasce uma consciência laical marcada por uma mentalidade conjuntiva entre ética e fé, que se afasta dos polos de religiosidade hegemônica na contemporaneidade. Trata-se, pois, de uma laicidade cujo sentido “está no ver e no agir no mundo como

lugar de uma realização do divino segundo a relação dinâmica e conectiva (transjuntiva e não disjuntiva) entre imanência e transcendência” (DONATI, 2010, p. 55 – tradução nossa). Isso significa, em outras palavras, que a matriz teológica emergente é aquela que concebe a transcendência como experiência pessoal de chamado a ir além de si mesmo na relação com o outro.

Na busca por alternativas à perspectiva religiosa hegemônica é que se coloca a posição do Movimento dos Focolares no período que culminou com o nascimento da Economia de Comunhão. E é como parte e vertente do processo de secularização moldado pela atuação do episcopado e da teologia católica que esse nascimento deve ser lido. Essa compreensão da matriz teológica contemporânea, que nos serve como arcabouço teórico para enquadrar a Economia de Comunhão, não é a única e nem é hegemônica. A pós-modernidade é contraditória, paradoxal e plural em sua veste religiosa. Por isso, não nos ocupemos desse aspecto neste trabalho, não podemos negligenciar a outra face interpretativa possível para o fenômeno religioso contemporâneo: suas relações com o Capitalismo e com a esfera pública das sociedades, desprovido de ética e visto nas variadas formas de fanatismo e fundamentalismo religioso, da guerra santa, da disputa de espaço e poder sem escrúpulos e limites.

Considerações finais

A Economia de Comunhão se insere no contexto vital de comunidades carismáticas confrontadas com a situação de escandalosa desigualdade social, evidente empecilho para a realização do fim para o qual o carisma foi suscitado na igreja. Como projeto, proposta e tentativa de solução desse problema social, a Economia de Comunhão tem origem no processo de inculturação de um carisma na realidade das igrejas locais do Brasil, seja no que diz respeito às características socioculturais dessa igreja, seja na importante tradição eclesial que se foi desenvolvendo a partir da Conferência de Medellín, centrada na opção preferencial pelos pobres.

Na dinâmica feita de acordos e tensões, confluências e divergências em relação ao magistério latino-americano, houve um amadurecimento do movimento eclesial frente às necessidades específicas do contexto local. A confluência se construiu em parte pela similaridade do olhar para os problemas sociais, que em Medellín emerge como o fazer-se pobre com Cristo pobre e em Chiara Lubich como o dar a vida pela própria gente, seguindo o exemplo de Cristo que morreu pelos seus. Já as tensões e conflitos exigiram

mediações na construção fadigosa de uma rede de relações com as igrejas locais e com a Conferência Episcopal, onde especialmente Ginetta Caliaro atuou de modo a garantir a independência, identidade e especificidade da agremiação laical que liderou por anos e, ao mesmo tempo, a harmonia com as indicações do CELAM, a fidelidade ao magistério e a revisão de práticas e perspectivas por parte do movimento por ela comandado.

Resultou, desse processo, a incorporação no ideário e na prática eclesial focolarina de alguns princípios e orientações dos documentos do CELAM que devem ser compreendidos como os pródromos e a raiz do que se tornou a Economia de Comunhão, associados a uma recorrente ideia, que Puebla terminou por confirmar, da possibilidade de encontrar inspiração em um modelo trinitário de relações sociais para a renovação da forma de enfrentamento das situações de vulnerabilidade social no Brasil.

Os documentos que investigamos, por fim, lançam luz sobre uma trilha de investigação ainda por ser desbravada pelas Ciências da Religião e pela historiografia eclesial brasileira. O papel dos Novos Movimentos Eclesiais nas mudanças ocorridas no catolicismo brasileiro, quase sempre reduzido ao papel da Renovação Carismática Católica, precisa ser aprofundado sob o prisma do conceito analítico de Carisma, em sua valência inclusive social, política e econômica. Dos nossos estudos emergem, em suma, que a relação de um desses Movimentos com o episcopado é bem mais complexa do que supunha; e que a posição do grupo frente à ditadura militar brasileira era mais “consciente” do que se imagina quando nos deparamos com os registros históricos da “alienação” dos Movimentos Eclesiais frente a questões do gênero.

Referências

BOFF, Clodovis. **Um “ajuste pastoral”. Análise global do Documento da IV CELAM.** In Santo Domingo: ensaios teológico-pastorais. Petrópolis – RJ: Vozes, 1993.

BRIGHENTTI, Agenor. Tendências atuais e evangelização no futuro – 40 anos depois de Puebla. In Ney de Souza e Emerson Sbardelotti (org). **Puebla: Igreja na América Latina e no Caribe: opção pelos pobres, libertação e resistência.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.

BRUNI, Luigino. **A ferida do outro: Economia e relações humanas.** Abrieda: Editora Cidade Nova, 2010.

BRUNI, Luigino; SMERILLI, Alessandra. **Benedetta economia: Benedetto di Norcia e Francesco d’Assisi nella storia economica europea.** Roma: Città Nuova Editrice, 2010.

CALLIARI, Gineta. **O Evangelho, força dos pobres**. São Paulo: Editora Cidade Nova, 1987. 3ª Edição.

CALLIARI, Gineta. **O Evangelho no dia a dia. Experiências reais da vivência da Palavra**. São Paulo: Editora Cidade Nova, 1982. 3ª Edição.

CALLIARI, Gineta. **Quando o Evangelho entra na família: fatos relatados como testemunho de vida**. São Paulo: Cidade Nova, 1987. 2ª Edição.

CODA, Piero. **O Evento Pascal: Trindade e História**. São Paulo: Cidade Nova, 1987.

CODA, Piero. **Dalla Trinità: l'avvento di Dio tra storia e profezia**. Roma: Città Nuova editrice, 2011.

CODA, Piero. Um carisma na história qual olhar a partir do centro da Revelação. In **Fraternidade e humanismo: uma leitura interdisciplinar do pensamento de Chiara Lubich**. São Paulo: Editora Cidade Nova, 2014.

CODA, Piero. Comunicacion y dialogo desde una perspectiva trinitaria. In **Antropologia Trinitaria: hacia una cultura del encuentro para una pastoral en clave trinitaria**. Bogota: Editorial CELAM, 2019.

DONATI, Pierpaolo. **La matrice teologica della società**. Soveria Mannelli: Rubbettino, 2010.

FERNANDES, Márcio Luiz; SANTANA, Cleiton Costa de. Medellín e os Novos Movimentos Eclesiais. Os Focolares, a mudança social e a Economia de Comunhão. **REB. Revista eclesialística brasileira**, v. 78, p. 195-221, 2018.

GIORDANI, Igino. **Memórias de um cristão ingênuo**. Vargem Grande Paulista, São Paulo: Editora Cidade Nova, 2018. Tradução de Humberto Luiz Sada.

LUBICH, Chiara. **Diário de viagem 1964-1965**. São Paulo: Editora Cidade Nova, 1991. Tradução da redação da editora Cidade Nova.

LUBICH, Chiara. **Chiara aos Gen**. Vol. 1. Vargem Grande Paulista: Editora Cidade Nova, 2016a.

LUBICH, Chiara. **Chiara aos Gen**. Vol. 3. Vargem Grande Paulista: Editora Cidade Nova, 2016b.

PASSOS, João Décio. 50 anos de Medellín – Carisma vivo na história em mudança. In Ney de Souza, Emerson Sbardelotti, (org). **Medellín: memória, profetismo e esperança na América Latina**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

PRABST, Adrian. Economy of life: charismatic dynamics and the spirit of gift. In **The charismatic principle in social life**. New York: Routledge, 2013.

ROCCA, Giancarlo. **O carisma do fundador**. São Paulo: Paulus, 2010.

SCHELER, Max. **Modelos e líderes**. Curitiba: Champagnat, 1998.

SANTANA, Cleiton. **Os bens, a história e os corações que os movem: memória e história da Economia de Comunhão**. Jundiá: Paco editorial, 2019.

SORGI, Tommaso. **Igino Giordani, sinal dos tempos novos**. São Paulo: Editora Cidade Nova, 1994. Tradução de José Maria de Almeida.

WOLF, Elias. Verbetes Comunhão. João Décio Passos / Wagner Lopes Sanchez (orgs.). In **Dicionário do Concílio Vaticano II**. São Paulo: Paulus e Paulinas, 2015.

Fontes documentais inéditas

DOC 1 – La chiesa del Brasile di fronte all'attuale momento politico. 11 páginas. Anônimo. Mimeo. Documento não catalogado. Arquivo privado do Movimento dos Focolares em Curitiba.

DOC 2 – La Conferenza episcopale brasiliana CNBB. 8 páginas. Anônimo. Documento não catalogado. Mimeo. Arquivo privado do Movimento dos Focolares em Curitiba.

DOC 3 – Sommario documento di Puebla. 20 páginas. Anônimo. Documento não catalogado. Mimeo. Arquivo privado do Movimento dos Focolares em Curitiba.

CALLIARI, Ginetta. Contributo da Obra de Maria na construção do homem novo. Apontamentos para a aula do curso “O Homem” da Escola Social do Movimento dos Focolares. 1988. Documento não catalogado. Mimeo. Arquivo privado do Movimento dos Focolares em Curitiba.

PICÃO, David. O homem na doutrina social da igreja. Apontamentos para o curso “O Homem” da Escola Social do Movimento dos Focolares. Ano 1987. Documento não catalogado. Mimeo. Arquivo privado do Movimento dos Focolares em Curitiba.

LUBICH, Chiara. Diário di Chiara. Viaggio in Brasile maggio 1991 e Viaggio in Africa maggio 1992. Brochura em arquivo do Movimento dos Focolares em Curitiba. (Mimeografado).

Submetido em: 31-1-2023

Aceito em: 11-3-2023